

O ALARME!

JORNAL POPULAR PORTUGUÊS

Escreve-nos para:

Michel Theveniau
2-Rue Pierre Curie
94140-Alfortville

Dos Trabalhadores para os Trabalhadores

JULHO 75 Nº 33 1.50 FR

Para pagamento:

C.C.P. La Source
nº 34-772-94

importante:

no remetente junto do
teu nome põe (O.A.)

O Silva, o Zé, a Sra. Albertina e os seus problemas

Silva : Olá Zé, já não te via há bastante tempo! O que é que te tem acontecido?

Zé : Bom dia Silva, nós não nos temos visto porque a fábrica onde trabalho está em greve e ocupada por nós.

Silva : Pois! Os capitalistas obrigam-nos a produzir à maluca, fazendo com corréncia uns aos outros, havendo assim grandes stocks que ficam nos armazéns sem serem vendidos.

Sra. Albertina : Pois é, eles aproveitam - se desta crise para por os trabalhadores no desemprego, e obrigando aqueles que não são despedidos a produzirem o mesmo que dantes quando havia mais operários.

Zé : E não é só isso eles agora querem tirar-nos as primas que completavam os nossos salários e dá-nos férias sem nós lhes pedirmos, pois eles até julgavam que nós operários somos como eles que tem tempo e dinheiro para irem de férias quando muito bem lhes apetece.

Silva : No chantier onde eu trabalho também andamos a ver o que se pode fazer porque despediram alguns dos camaradas e os que ficaram passaram a trabalhar 40 horas em vez de 48 horas. Como vez nos temos que estar atentos às manobras dos patrões que nos fazem pagar as crises que eles criam com a sua ganância, fechando as fábricas quando querem, não se preocupando se nós temos filhos a manter ou dívidas a pagar.

Zé : Nós na fábrica ao princípio estávamos com receio derivado a crise que actualmente a França está a passar e de os patrões nos terem dito que se quisermos lutar que o fizéssemos no nosso país. Mas vimos que isso é errado porque é aqui que trabalhamos e é aqui que somos explorados e é aqui que temos que lutar ao lado dos camaradas franceses.

Sra. Albertina : É isso mesmo Zé, tanto faz ser aqui como em Portugal, os patrões jogam com a nossa necessidade de dinheiro para nos obrigar a desistir da luta. Mas quando eles vêm que nós estamos unidos e decididos a lutar até ao fim utilizam a força da repressão que são os seus lacaios da C.R.S. e não só, também levam os seus cães polícias, obrigando assim a abandonar a fábrica como foi o caso da fábrica Chausson em Asnières.

(Cont. na pág. 3)

VIVA A JUSTA LUTA DOS OPERARIOS DOS CABLES - LYON



Entrevista com um grupo de operários

-- Quando é que começaram a greve? E por quê?

-- Entrámos em greve no dia 26 de Maio. Já há cerca de um ano que tentamos por meio de discussão com o patrão obter melhores salários. Mas ele recusou-se sempre, dando desculpas não querendo mesmo falar nos ordenados, e sabemos que somos os trabalhadores da metalurgia da região de Paris que temos os ordenados mais baixos. Por exemplo, nós e os operários da Renault fazendo o mesmo trabalho temos uma diferença de 400 a 700 francos. Quando a empresa pertencia ao outro patrão ainda tínhamos subsídio de férias mas desde que a C.G.E. tomou conta disto, tem-nos vindo a tirar cada vez mais dinheiro. Este ano pelas férias já não tínhamos subsídio, emprestavam-nos 250 frs. que depois seria descontado na miséria de subsídio que nos dariam pelo fim do ano.

-- Mas o ordenado era sempre certo?

-- Certo não era, pois quando iam ver a nossa folha de paga havia sempre horas a menos.

-- Mas o patrão fazia isso porque não havia dinheiro suficiente?

-- Nada disso! Viemos até a saber que a C.G.E. fez um aumento de vendas entre o ano de 73/74 que deu um lucro de 3 milhões de francos novos (3.000.000), trezentos mil milhões de francos velhos. Vemos bem que a empresa não está em dificuldades como eles nos querem fazer acreditar.

-- Podes-nos dizer quantos trabalhadores há na fábrica?

-- Somos à volta de 2.000, dos quais cerca de 1.400 estão em greve. No entanto muitos empregados dos escritórios estão connosco reforçando assim a nossa luta.

-- Quando resolveram ir para a greve como foi?

(cont. pág. 4)

O POVO ESCREVE

AS CRITICAS FAZEM-NOS AVANÇAR

Nós somos um grupo de trabalhadores leitores do Alarme. Todos os meses lemos e discutimos o jornal, tentando criticá-lo de uma maneira construtiva para que ele continue a ser o defensor das classes trabalhadoras. Este mês notámos que a notícia sobre a crónica de Luxemburgo tem passagens que não achamos justas. Desta maneira criticamos os camaradas que escreveram a notícia e ao mesmo tempo a equipa coordenadora do "ALARME" por deixarem passar este artigo sem uma rectificação. Como pode o camarada pedir ao padre para fazer uma autocritica?

Nós sabemos qual foi e qual é o papel dos padres e da Igreja como defensores do fascismo e dos patrões. Durante os 48 anos de fascismo e agora na democracia burguesa, instaurada depois do 25 de Abril, o seu papel foi sempre e continua a ser o de iludir as classes trabalhadoras indo até ao ponto de serem propagandistas da ideologia fascista e mesmo agentes da PIDE. Até agora já foram descobertos dezenas destes facínoras e muitos estão ainda por descobrir...

Por isso camaradas não sejamos ingénuos ao ponto de um padre se autocriticar à frente das massas trabalhadoras.

Por outro lado achamos bastante incorrecto da vossa parte não terem dado qualquer notícia sobre o 1º de Maio em Paris, manifestação convocada pela FEC (m-l) na qual tomaram parte dezenas de trabalhadores emigrados em França.

Camaradas, gostaríamos que o ALARME criasse uma secção sobre os nossos direitos em França.

EM FRENTE POR UM JORNAL POPULAR !

Um grupo de amigos do ALARME

Camaradas : Achamos justas as vossas críticas. Quanto à autocritica do padre é certo que ele não pode estar ao corrente do marxismo-leninismo, uma vez que eles estão ao serviço dos exploradores e não ao serviço do povo trabalhador.

Quanto ao 1º de Maio em Paris, não passámos a notícia no jornal por falta de fotografias, no entanto achamos que os camaradas tem razão, pois isso não nos impedia de termos dado uma notícia sobre acontecimento tão importante.

No que respeita à secção sobre os nossos direitos em França, em todos os números do jornal tentaremos esclarecer os nossos leitores sobre problemas que a todos dizem respeito.

UMA TRABALHADORA REVOLTADA

Estando eu na emigração e não podendo ter os meus filhos comigo, deixei-os em Portugal.

Um dos meus filhos com 4 anos começou a ter dores nos dentes.

Como não havia médico na nossa aldeia a minha irmã levou-o a um dentista que ficava a 9 quilómetros, na cidade de Pínhel, distrito de Guarda. O miúdo tinha a cara muito inchada, mas mesmo assim o médico quando o viu arrancou-lhe de uma vez quatro dentes.

Entretanto eu aqui em França sem saber o que se passava, fui lá abaixo para ir buscar os filhos, e encontrei um mais

morto do que vivo. Entretanto a minha irmã foi pagando a esse gatuno cerca de 3 contos sem que o miúdo melhorasse. Assim que vi o meu filho, furiosa disse ao médico que ele não era doutor para as pessoas mas sim para os burros e trouxe o meu filho para França mesmo sem o consentimento desse bandido, porque dizia ele, o miúdo não aguentava a viagem.

Aqui consegui curar o meu filho. E claro que devido às atrocidades que ele fez, a criança esteve cá no hospital cerca de 6 meses.

Esse albardeiro chama-se Gonçalves. A lêm de tratar mal e roubar quem precisa dos cuidados dele, tem ainda vinhas onde tem trabalhadores rurais por conta dele a ganhar uma miséria.

Camaradas : Como temos dito nas páginas deste jornal, a medicina continua ao serviço da burguesia. Em França, também ela está ao serviço da mesma burguesia que nos explora. No entanto, devido a grandes lutas dos explorados, os burgueses foram obrigados a melhorar os serviços de assistência médica aos trabalhadores. Também, aqui em França, os patrões sabem que, operário com saúde rende mais...

Como exemplo da medicina ao serviço do povo, temos um artigo sobre Moçambique neste jornal, que pensamos poderá mostrar o que é a vontade de resolver os problemas de saúde do povo.



Um Operário Escreve-nos

A COLAS está em greve desde 9 de Junho de 1975, por os trabalhadores ganharem pouco e exigirem um aumento de 10%.

Os patrões não querem pagar e alguns burros graixistas vão para o chantier a fazerem que trabalham.

Temos que fazer compreender aos traçozeiros que não "arretam" que têm de fazer greve, porque quando vier o aumento eles não o perdoam ao patrão.

VIVA A GREVE !

Camarada : A greve é uma arma nas mãos dos trabalhadores, porque os patrões não nos dão nada sem serem obrigados a isso. No entanto, há camaradas nossos que ainda não perceberam a necessidade de sermos todos a lutar e precisam de ser ensinados. Só com a nossa união e organização poderemos vencer.

EM FRENTE PELA UNIÃO DE TODOS OS TRABALHADORES !

A GREVE É JUSTA !

FAZ-TE CORRESPONDENTE DE
"O ALARME"
NA TERRA ONDE TRABALHAS
ENVIA-NOS NOTÍCIAS

HOUILLES

Camaradas do ALARME :

Venho por este meio tentar explicar uma questão que muitos trabalhadores me têm posto e que penso que nunca foi devidamente explicada no nosso jornal.

Eu vendo o ALARME aos sábados e aos domingos nos mercados e muitos trabalhadores que compram o jornal têm vindo falar comigo para eu lhes explicar o que é isso de "proletariado". E que segundo eles no jornal esta-se sempre a falar nessa palavra e eles não percebem muito bem o que ela quer dizer.

Quando me fazem esta pergunta eu respondo que "proletário" é todo aquele que só tem a sua força de trabalho para se sustentar a si próprio e à família. Quer dizer, aquele que para ganhar a vida só tem a força dos seus braços, os quais ele vende ao patrão por um salário que todos nós sabemos é uma miséria, pois os patrões pagam-nos sempre muito menos do que aquilo que nós produzimos ao fim do dia. Aliás só assim é possível que essa corja de sanguessugas consiga ter cada vez mais dinheiro enquanto nós, trabalhadores, não saímos da cepa torta.

Portanto, são proletários, os operários das fábricas e aqueles que trabalham nos campos e que não têm nem um pedacito de terra, apenas têm a sua força de trabalho para vender aos proprietários das terras. Portanto a estes operários das fábricas e dos campos é que se chama proletariado.

Bom, espero que tenha sido claro na explicação. Penso eu que é este o significado de proletariado e isto é o que sempre tenho dito. No entanto, se às vezes houver alguma coisa errada ou a acrescentar ao que disse, gostaria que dessem uma ajuda e nos tirassem as dúvidas, a mim e especialmente a todos os trabalhadores que compram o ALARME que lêem o jornal e não compreendem esta palavra.

Sem mais saúdo todos os trabalhadores e os camaradas do ALARME.

Camarada : Sempre que vejam que há faltas no jornal, assuntos mal explicados ou erros, não hesitem em enviar-nos a vossa colaboração, pois sem isso não poderemos avançar e tornar o jornal cada vez mais ao serviço de todos os trabalhadores.

Aos Leitores do Alarme

Camaradas: Temos recebido bastantes críticas de que o Alarme não está a servir os interesses das massas trabalhadoras emigradas. Ora, o Alarme não é um jornal fabricado por meia dúzia de pessoas, é um jornal popular e como tal precisa da colaboração de todos. Portanto enviem-nos artigos, desenhos, notícias, etc., para que o jornal possa estar ao serviço dos trabalhadores.

Foram-nos devolvidas várias dezenas de jornais e não sabemos se esses assinantes partiram para Portugal ou mudaram de direcção. Portanto agradecíamos que nos escrevessem enviando ao mesmo tempo a nova morada, caso estejam em França.

NOTÍCIAS DA EMIGRAÇÃO

EM NEUFCHATEAU

Realizou-se nesta cidade uma festa com ambiente e alegria popular em que cerca de 100 trabalhadores estiveram juntos.

Esta festa foi organizada, pelo Grupo de Teatro Operário desta cidade que acaba de nascer, aonde apresentou a peça de teatro "A EMIGRAÇÃO".



★
Cena final da peça
"A EMIGRAÇÃO"
pelo Grupo de Teatro
Operário de
Neufchateau
★

FESTA POPULAR

que foi muito aplaudida pelos trabalhadores.

Em seguida mostrou-se uma comédia cómica "Anúncio para um casamento" que deu para toda a gente rir.

Antes do fim, cantaram os "Camaradas", canções revolucionárias e populares juntamente com os trabalhadores.

A Festa terminou com um baile popular até altas horas da noite.

Camaradas : a realização de festas populares e a formação de teatros operários, são vitórias sobre as festas burguesas, que só servem para nos explorarem e fazer esquecer os problemas de trabalho.

EM FRENTE PELAS FESTAS POPULARES !
ABAIXO AS FESTAS BURGUESAS !

Um grupo de simpatizantes e divulgadores do ALARME

Acidentes na RENAULT

Camaradas:

Como sei o que é o nosso jornal, um jornal de trabalhadores, vou-vos contar o que se passou na minha fábrica onde trabalho "Renault" em Billancourt no dia 3 de Maio de 1975 às 9 horas da manhã.

Um camarada jugoslavo de 22 anos de idade que perdeu a vida derivado à exploração capitalista. Estava trabalhando numa máquina com outro camarada. Essa máquina estava a funcionar mal, então o nosso camarada foi falar com o chefe dizendo-lhe o que se passava. Os chefes como nós sabemos são todos uns lacaios que nos desprezam, disse ao trabalhador, "o que quero é ver a produção feita, a máquina desenrasca-te com ela".

Nesta fábrica quando não fazemos a produção habitual, o chefe maltrata-nos com ameaças de despedimento, então este camarada tomou medo do chefe e tentou procurar o defeito da máquina.

É uma máquina como uma prensa de soldar electrónica que sobe e desce para soldar.

Ora a máquina não subia nem descia. Os dois trabalhadores fazem a ligação e o camarada jugoslavo aproximou-se para ver se havia ferralha no meio da máquina, porque às vezes estas máquinas estão cheias de porcaria que as impede de funcionar.

No momento em que esse camarada aproximou a cabeça, sem ninguém lhe tocar, a máquina subiu esmagando-lhe a cabeça.

A exploração capitalista foi a causa desta morte. Depois da morte desse nosso camarada o patrão pôs a polícia a guardar a máquina, mas não era para que não trabalhassem com ela, mas sim para que nenhum de nós lhe pegasse fogo ou metesse uma bomba, pois era essa a vontade de muitos trabalhadores como eu.

Nesta máquina as condições de trabalho são péssimas. As máquinas custam muito dinheiro aos patrões e trabalhadores

há muitos no desemprego com a crise actual do capitalismo e para eles, um trabalhador a mais ou a menos não tem importância.

Camaradas, nesta fábrica maldita pagam-nos uma miséria e em 6 meses é o quarto trabalhador que morre nestas condições.

Isto mostra-nos mais uma vez que temos que acabar com a exploração capitalista pois além de nos roubarem, tentam fazer-nos produzir cada vez mais, deixando de lado as condições de trabalho.

Para os patrões os trabalhadores são como as formigas a quem se passa com os pés por cima. Há muitos camaradas que pensam que é impossível acabar com essa corja de parasitas; o que nós temos é que nos unir e organizar, porque se pensamos resolver os nossos problemas sozinhos nunca conseguiremos nada.

Camaradas, todos unidos e organizados somos mais fortes, pois os patrões são uma minoria. Temos que lutar contra os patrões, contra a exploração capitalista lutar por melhores salários e condições de trabalho.

ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

Camaradas: Nesta carta há um ponto com que não concordamos que é a questão de se destruir a bomba as máquinas.

Pois destruindo-as não vamos obter melhores condições. Só lutando se necessário utilizarmos a greve, conseguiremos melhores condições de trabalho.

Q avanço das lutas dos explorados leva a necessidade de utilização da violência revolucionária para por fim a exploração capitalista, uma vez que a burguesia utilizará o exército e outras formas de violência para manter o seu reinado.

O SILVA, ZE. A SRA. ALBERTINA CONTINUAÇÃO da pág. I)

Silva : Oh, Zé nós temos que fazer com- preendermos nossos camaradas de trabalho que a luta continua e só conseguiremos acabar com os patrões, quando os trabalhadores estiverem unidos, organizados e armados contra toda a repressão vindo ela dos patrões, da polícia, etc..

Sra. Albertina : Espero que a vossa greve seja vitoriosa. Mas não te esqueças que para isso mais do que nunca devem estar preparados contra todas as manobras dos patrões e seus lacaios. E a melhor maneira de enfrentarmos essas manobras é estarmos vigilantes e organizados para lhes resistirmos.

Zé : Tem razão. Se não formos nós a o- lhar-mos pela nossa vida, mais ninguém o fara. E agora tenho que me ir embora para ir hoje à tarde a uma reunião do comité de greve e os camaradas estão a contar comigo. Adeus até à próxima !

caixa de apoio permanente às lutas em Portugal

Camaradas : A luta em Portugal pela libertação dos oprimidos, continua ... Cada vez mais os nossos companheiros de classe necessitam da nossa colaboração.

Este mês recebemos :

1 leitor do Alarme (Levallois)	5.50F
2 trabalhadores do mercado de Corentin Celton	1.00F
2 trabalhadores da Fonderie Becquaert	33.00F
1 casal de trabalhadores de Courbevoie	2.00F
trabalhadores de St. Ouen	8.00F
1 trabalhador de Houilles	0.50F
1 trabalhador de Houilles	1.00F
1 trabalhador de Houilles	6.00F
1 trabalhador de Groslay	2.00F
trabalhadores de Stains e S. Denis	20.50F

TOTAL : 80.50F

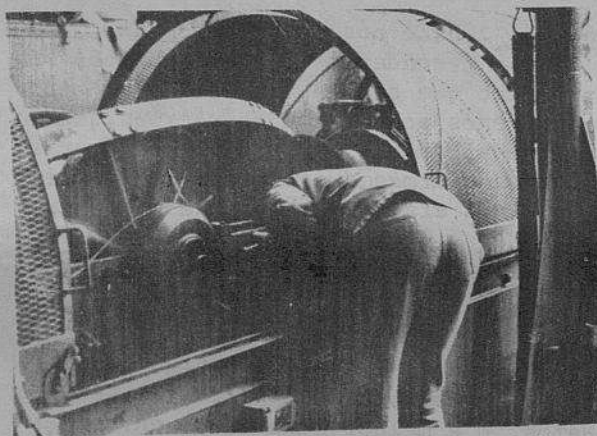
NOTÍCIAS DA EMIGRAÇÃO

CABLES LYON (cont.)

--Reunimo-nos numa assembleia geral e 95% dos operários quiseram ir para a greve com a ocupação da fábrica. Houvesse alguns que tiveram medo, dizendo que tinham assuntos pessoais a tratar, dando as suas desculpas. Mas ao fim de 3 semanas de luta, os nossos camaradas de trabalho vendo que a nossa greve é justa e que a união faz a força, começaram a juntar-se a nós.

--E como é que o patrão tem reagido à vossa luta?

--O patrão para tentar dividir os operários começou por fazer falsas promessas dizendo aqueles que não aderiram logo à greve, que lhes pagaria um mês completo de salário na condição de eles não se juntarem aos grevistas. E ainda por cima mandaram alguns traidores da classe operária irem às casas e aos locais de encontro dos trabalhadores para recolherem assinaturas. Pagavam bebidas a todos, esperando assim conseguir o que queriam. As assinaturas era para depois o patrão apresentar ao tribunal contra os grevistas.



Esta máquina já causou a morte de vários operários.

--E o patrão resolveu alguma coisa com isso?

-- Não resolveu nada e o que aconteceu é que esses escovas que andaram a procura das assinaturas, receberam no fim do mês tanto como os que estão em greve. Uma vez mais isto mostra que não se pode fiar nas palavrinhas dos patrões.

--E as condições de trabalho como são? Medidas de segurança, higiene, etc..

-- Nós temos medidas de segurança, mas não as podemos utilizar porque nessas coisas perde-se tempo e aos patrões o que lhes interessa é que a gente produza o máximo seja de que maneira for.

Quando nos acontece um acidente de trabalho eles dizem logo que a culpa é nossa porque não respeitamos o que elas dizem. Quanto à higiene, isso é muito difícil haver pois também fica caro ao patrão. Olhem, podem ver isto: a maior parte dos operários não têm toalhas, e os que têm é preciso levar um ano a pedir-lhes e depois é uma toalha para cada 50 operários e são mudadas de 15 em 15 dias. As retretes e lavatórios são lavados de 3 em 3 meses.

-- E então quais são as reivindicações que vocês pedem?

-- Nós pedimos: 300 frs. de aumento sobre o salário de base; 1.000 frs. de subsídio de férias; qualificação máxima para todos; pagamento de salários retidos aos delegados e também pagamento dos dias de greve, porque o patrão é o único

culpado de a fazermos.

-- Na vossa fábrica há muitos estrangeiros?

-- Na fábrica há franceses, árabes e portugueses, mas o trabalho mais difícil e duro, seja ele nas máquinas ou na limpeza, são sempre os emigrantes que o fazem.

-- Vocês tem tido apoio à vossa luta?

-- Temos tido apoio de várias formas e entre elas podemos dar um exemplo. Realizou-se dentro da fábrica uma festa com o grupo "Os Camaradas" e o grupo de teatro da "Associação dos trabalhadores portugueses dos Halles", com a peça "A Greve é Justa". Todos nós ficamos bastante satisfeitos e como as canções foram explicadas em francês, até mesmo os nossos camaradas árabes e franceses batiam palmas, acompanhando a música.

No fim os camaradas que foram apoiar a luta fizeram uma recolha entre eles que rendeu 208 frs. e que foi entregue ao comité de greve.

Os operários da fábrica agradecem a todas as pessoas que colaboraram, ao grupo de teatro, aos "Camaradas", a solidariedade que tiveram connosco não só em dinheiro mas também a força que nos deram para continuarmos a nossa luta contra os parasitas dos patrões.

-- E pensam que a greve vai ainda durar muito?

-- Nós já estamos há 4 semanas em greve. Mas estamos unidos e decididos a continuar a greve se necessário for, seja outro tanto tempo ou mais.

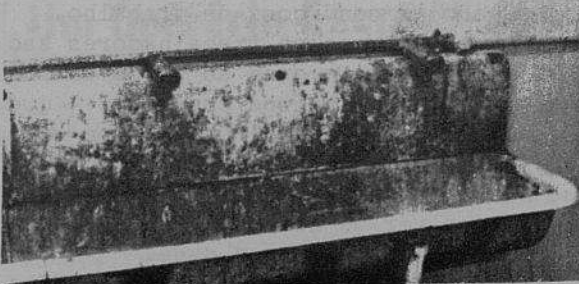
Pois continuaremos até que o patrão nos dê o que nos deve.

VIVA A LUTA DOS OPERÁRIOS DOS CABOS DE LYON!

VIVA A UNIÃO DOS TRABALHADORES FRANCESES E EMIGRADOS!

ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!

VIVA A CLASSE OPERÁRIA!



Estes são os lavatórios destinados aos operários.

ULTIMA HORA

Tivemos conhecimento que durante a noite de 20 para 21 de Junho, a polícia, CRS, foi avisada por trabalhadores bufos que estavam infiltrados na greve, que o número de operários nos piquetes era inferior ao costume.

Os CRS logo seguiram para a fábrica a fim de expulsar os trabalhadores.

Mais uma vez camaradas, vimos a polícia ao lado dos patrões não hesitando a empregar a força para por fim as justas reivindicações dos operários.

Mas a luta dos operários dos cabos de Lyon continua, pois estes estão dispostos a continuar a lutar até obterem as suas reivindicações.

ABAIXO A REPRESSÃO FASCISTA!
A LUTA CONTINUA!

O QUE É PRECISO SABER

Nós trabalhadores emigrados, trabalhando nas construções, nas fábricas, na ménage, etc., temos os nossos direitos como por exemplo, "securité sociale", que foram conquistados através das lutas, mas como muitas vezes não sabemos falar o francês, as dificuldades aparecem e não sabemos o que fazer. O mesmo se passa quando pensamos ir para Portugal definitivamente. Para sabermos o que temos que fazer somos obrigados a ir ao consulado português, onde temos que esperar para sermos atendidos e no fim nunca se sabe ao certo o que se tem de fazer e isto faz-nos perder meio dia de trabalho ou mais. Como nesta época há muitos trabalhadores que pensam ir de férias e não voltar, aproveitamos para dar a informação de como se deve fazer para levarmos a mobília ou o carro para baixo.

Sobre a mobília, deve-se fazer uma lista com tudo o que pensamos levar para baixo, vai-se ao consulado com 4 exemplares dessa lista e aí nos darão um certificado de bagagem que será exigido nas fronteiras.

Se se pagam impostos, tem que se ir à Polícia, à Cité, onde eles darão um documento em como temos os impostos em dia e porão um carimbo na carta de "séjour", inutilizando-a, isto é, deixando de ter validade em França, visto termos declarado ir definitivamente para Portugal.

Quanto ao carro, é um pouco mais complicado! Se já tivermos o carro em Portugal temos que mudar a matrícula francesa para a matrícula portuguesa.

Um carro com matrícula francesa só pode circular em Portugal durante um ano. Os proprietários tem que comprovar a sua residência no estrangeiro com um documento passado pelas autoridades do país onde residiam. Esta lei não é válida para os proprietários que trabalham e viviam em Portugal. Para trocar de matrícula, é preciso:

- dirigir-se à repartição do Comércio externo (Rua Nova de S. Mamede, 76-Lisboa 2) e apresentar os seguintes documentos a fim de obter o Boletim de Registro de Importação.

- Uma prova como viveu no estrangeiro;
- Uma prova como vive nesta altura em Portugal;
- Um título de propriedade do carro (carta grise);
- Uma declaração em como o proprietário se compromete em não vender o carro no prazo de um ano a contar do prazo de despacho de alfândega.

Com o Boletim, a carta grise e a declaração de não vender o carro, apresentamo-nos a um despachante oficial que com a alfândega se ocupará de tudo o que for necessário para regularizar o carro (obtenção de matrícula, título de propriedade, livrete, etc.).

Quanto aos direitos aduaneiros (quantia a pagar ao Estado) paga-se uma taxa de 9450 por quilo e esta taxa só é válida para veículos até 750 quilos.

VIVA MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE

(...O PODER PERTENCE AO POVO, FOI CONQUISTADO PELO POVO, DEVE
SER EXERCIDO E DEFENDIDO PELO POVO...)

SAMORA MACHEL

Foi dada a 25 de Junho a independência total a Moçambique, cumprindo-se assim os acordos de Lusaka assinados entre o Governo Português e a FRELIMO, única representante do povo moçambicano. Esta é a grande vitória deste povo que, corajosamente pegou em armas para expulsar os seus inimigos principais: o colonialismo português e o imperialismo.

Mas não é só esta a grande vitória de um povo que decidiu tomar conta do seu destino: a construção de uma sociedade nova, feita por quem trabalha e para quem trabalha, começada ainda durante a guerra de libertação.

medicina nas zonas libertadas

Com o avanço da guerra e com a conquista de grandes zonas que passaram a

Como primeiro passo, fazem-se livros explicando como acabar com as doenças (medicina preventiva). É matando os mosquitos que se acaba com o paludismo, é acabando com a mosca tsé-tsé que a doença do sono é exterminada. São livros com desenhos muito simples. E é assim, que as crianças das escolas e os seus professores, colaborando na vida das zonas libertadas, vão de casa em casa, explicando a maneira de se evitar as doenças. Esta é uma das primeiras medidas políticas, no campo da saúde, que a FRELIMO adoptou.

O povo é chamado a vacinar-se. No entanto, há dificuldades a vencer. Os colonialistas portugueses, recusando durante mais de 500 anos a assistência médica às populações, fez com que o povo



Samora Machel presidente da FRELIMO falando numa das regiões libertadas.

ser inteiramente governadas pela FRELIMO, o problema da saúde era de uma importância principal.

Tal como em Portugal, o Governo só se interessou em manter o povo na ignorância para melhor o explorar.

Tal como em Portugal, os médicos estavam quase todos nas cidades e estavam ao serviço de quem tinha 500 e mais escudos para pagar as consultas nos consultórios de luxo.

Moçambique, país africano, tinha todas as doenças que atacam o povo português e mais as doenças africanas, como a doença do sono, a febre amarela, o paludismo, etc., além dos feridos de guerra.

Não havia em todo o Moçambique um médico africano formado e capaz, os enfermeiros eram muito poucos e pouco também era o pessoal auxiliar de enfermagem.

Mas era preciso resolver este problema. Era preciso satisfazer as necessidades médicas do povo que vivia nas áreas libertadas e, para isso, era preciso contar com as suas próprias forças.

acreditasse em bruxarias e tivesse um certo receio de estes novos tratamentos. Foi grande o papel dos Destacamentos Femininos da FRELIMO, que pacientemente, explicavam a necessidade das vacinações e de prevenir as doenças. Pouco a pouco, o povo correu às chamadas da FRELIMO.

Dentro das possibilidades económicas eram enviados todos aqueles que se mostravam mais capazes, para países amigos, com a finalidade de se formarem em medicina e depois voltarem às suas zonas.

Mas, não era só preciso prevenir as doenças. Era também preciso curar aqueles que já estavam atacados pelo mal.

De princípio, os doentes mais graves eram enviados para a Tanzânia (país vizinho), mas eram grandes os riscos e não era suficiente.

Em 1968 é criado o primeiro Hospital Provincial. No mesmo ano são criados mais 2 Hospitais Regionais.

Com o aumento do pessoal e das áreas libertadas, são criadas em todas as zonas as seguintes estruturas:

Hospital Central



Postos médicos de Distrito

Postos de Socorros

1 Leprosaria

Nestes centros de saúde, a vida não é igual à que estamos habituados. Todos participam na vida do Centro. Os médicos ajudam na defesa das zonas, ajudam na limpeza e explicam aos doentes como evitar mais doenças. Serão estes doentes que, ao regressarem às suas aldeias serão divulgadores da acção sanitária. Também os guerrilheiros recebem educação sanitária e, quando participam no auxílio às populações, na agricultura, por exemplo, irão espalhar os seus conhecimentos.

Com a independência, a grande batalha da saúde, empreendida pela FRELIMO, não está terminada. Será preciso alargar todos estes conhecimentos a nível nacional e ensinar muitas populações que nunca sequer viram uma enfermeira! Como de início, será na sua prática do dia a dia e nas vitórias alcançadas que o povo apoiará o governo da FRELIMO.

O povo português, depois da Revolução Popular, não terá exactamente os mesmos problemas, mas terá problemas grandes a resolver no campo da saúde. E são grandes as lições que poderemos tirar da experiência deste povo irmão, que é o povo moçambicano, tendo à cabeça a sua vanguarda, a FRELIMO.

VIVA MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE !



Destacamento Feminino da FRELIMO.



MORTE AO FASCISMO



1º Encontro Nacional dos GAAF's

Realizou-se no dia 11 de Maio, em Vi-
seu, o 1º encontro Nacional dos GRUPOS
DE ACCÃO ANTI-FASCISTA (GAAF'S), promo-
vido pelo jornal "O GRITO DO POVO".

Perante a política de paninhos quen-
tes do Governo Provisório, os fascistas
levantam a cabeça e reorganizam-se para
voltarem ao poder e lançarem o terror
sobre o povo. Eles atacam e assassinam
valerosos anti-fascistas sem que as for-
ças da burguesia lhes deem mão, ao
mesmo tempo que impedem as forças popu-
lares de o fazer.

Foi com o objectivo de desenvolver a
formação de mais GAAF'S e fazer o balan-
ço das experiências daqueles que já exis-
tem, que se realizou este encontro. Nele
participaram mais de 400 anti-fascistas,
vindos de várias regiões do país, tendo
sido apresentados varios trabalhos que
foram postos à discussão.

Dessa discussão chegou-se a algumas
conclusões, das quais salientamos:

-Os GAAF's são organismos de massas
em que devem participar todos aqueles
que desejem lutar verdadeiramente con-
tra o fascismo.

-A actividade dos GAAF's deve cen-
trar-se na luta anti-fascista, pois dispen-
sando-se por outras tarefas, corre-se
o risco de não cumprir nenhuma delas.

-À medida que as provocações fascistas
se intensificam, os GAAF's devem estar ca-
da vez mais bem preparados para lhes res-
ponder. Devem portanto intensificar a su-
a preparação material e técnica para po-
derem responder com cada vez mais efica-
cia às crescentes necessidades da luta.

**FORA A NATO, FORA A CIA,
INDEPENDÊNCIA NACIONAL!**



-O 11 de Março, o aparecimento do ban-
do de fascistas que dá pelo nome de ELP
(Exército de "Libertação" Português) e as
manobras da CIA mostraram-nos claramen-
te que a luta anti-fascista não pode es-
tar desligada da luta contra o capitalis-
mo e imperialismo. Por isso, foi propos-
to e aprovado por unanimidade a trans-
formação dos GAAF's em GRUPOS DE ACCÃO
ANTI-FASCISTA E ANTI-IMPERIALISTA (GAA-
FAI's).

Este encontro encerrou-se num ambi-
ente de grande vibração revolucionária
gritando-se "MORTE AO FASCISMO", "CON-
TRA O FASCISMO, OFENSIVA POPULAR", "MOR-
TE À CIA", "FORA A NATO" e "INDEPENDEN-
CIA NACIONAL".

O Povo cercou os Fascistas

Ao ter conhecimento de se estar a rea-
lizar uma reunião dos fascistas do PDC,
o povo de Évora acorreu ao local cercan-
do-os e exigindo a saída dos fascistas
e, a sua dissolução.

Disposto a tudo o povo de Évora não
arredou pé dali, foi então que o Quartel
General resolveu dar ajuda ao PDC ao en-
viar um grupo de militares levando-os
em seguida para o quartel general para
melhor os proteger do ódio do povo. Mas
os trabalhadores não indo na cantiga di-
rigiram-se ao quartel e continuaram a
exigir JUSTIÇA POPULAR e a dissolução
completa do PDC.

Ora como todos nós sabemos, o PDC tem
na sua organização elementos compremeti-
dos com o governo de Salazar e Caetano,
e também por outro lado participou nas
tentativas fascistas do 28 de Setembro
de 74 e do 11 de Março de 75. Tendo a ca-
beça o já conhecido fascista Sanches O-
sório que fugiu logo a seguir ao 11 de
Março. Por isto tudo, o PDC foi apenas
suspensão de participar nas eleições bur-
guesas de Abril. Agora apareceu de novo
como um partido legal e autorizado a fa-
zer tudo. O Quartel General ao dizer que
este partido é legal e portanto ajudan-
do, tirou mais uma vez estes fascistas
das mãos do povo. Transportaram os para
o quartel e esperaram que tudo acalmas-
se, para em seguida os deixarem sair.

Mas camaradas, até quando é que estes
fascistas e outros como o PPD e CDS, te-
rão ainda o direito de se organizarem
para depois nos matarem?

Quando é que será que o exército co-
meça a deixar o povo fazer justiça a es-
tes grandes fascistas?

Camaradas, teremos cada vez mais de
nos organizar e exigir o julgamento dos
fascistas, assim como a dissolução dos
partidos fascistas do PDC, CDS, PPD e to-
dos os que não estão interessados numa
Democracia Popular.

Só a acção popular organizada poderá
fazer parar e eliminar estes fascistas
que se organizam e apoiam os bandidos
do ELP.

SOBRE a Ocupação das Casas

As ocupações das casas continuam a
estar na ordem do dia.

Fartos de serem roubados e explorados
pelos senhorios parasitas e fartos de vi-
verem em condições miseráveis, milhares de
trabalhadores decidiram lançar-se cora-
josamente na luta por casas com um mini-
mo de condições, onde possam albergar a
família.

Ora esta justa luta é utilizada pelos
fascistas para lançar toda a espécie de
boatos que ainda iludem muitos trabalha-
dores.

Será que quem trabalha e tudo produz,
não tem direito a uma casa decente?

Será que existem em Portugal milhares
de casas desocupadas há anos, só porque
os burgueses se dão ao luxo de as terem
fechadas à espera que as rendas subam,
enquanto que milhares de famílias tra-
balhadoras são obrigadas a viver em "i-
lhas" e em bairros de lata em que não há

o mínimo de condições de higiene, o que
dá origem a toda a espécie de doenças?

Será que os fascistas alguma vez se
interessaram pelas condições de vida dos
trabalhadores?

Será que alguma vez se preocuparam
com o bem estar do povo?

O que se passa hoje em Portugal não
é o resultado de 48 anos de ditadura fas-
cista?

Então, com que direito vem essa corja
de sabujos criticar e lançar boatos con-
tra a justa luta do povo pelo o direito
à habitação?

Nós apoiamos os trabalhadores que, u-
nidos e organizados em comissões de mo-
radores e comissões de ocupantes, ocupam
as casas de que têm necessidade, até por-
que "quem tem uma casa vazia, é porque
tem outra para viver". Tem sido nesta ba-
se que milhares de trabalhadores se têm
organizado para lutarem pela mesma rei-
vindicação: "O POVO TEM DIREITO A CASAS
DECENTES!".

No entanto, aqui na emigração, há mui-
tos trabalhadores que se deixam ir no
paleio dos fascistas e que concorrem pa-
ra espalhar toda uma série de boatos so-
bre as ocupações de casas de emigrantes.
É muito frequente ouvir dizer a esses
trabalhadores que um dia chegam a Portu-
gal e não terão onde viver, pois as suas
casas foram ocupadas por outras famili-
as. Dizem ainda, usando as palavras dos
porcos fascistas, que são os comunistas
que roubam as casas, que são eles que
criam toda essa confusão, chegando mesmo
ao ponto de dizer que no tempo do Caeta-
no é que era bom!!!

Será isto justo, camaradas? Será que os
trabalhadores que ocupam as casas, o fa-
zem por viverem em palacetes?

Foi por vivermos no luxo que tivemos
que emigrar?

Quanto de nos lá em baixo viviam em
boas condições e tinham uma casa a que
pudessem chamar sua?

E será que as casas ocupadas pertencem
a trabalhadores que as construíram
com o produto do seu trabalho?

É verdade que aconteceram alguns ca-
sos (contam-se pelos dedos) de casas de
emigrantes que foram ocupadas. Mas tam-
bém é verdade que isso aconteceu devido
à falta de informação e de organização
dos trabalhadores que ocuparam essas ca-
sas e por fim quase todos esses proble-
mas acabaram por serem resolvidos a bem.
É assim que entre trabalhadores as coi-
sas devem ser resolvidas, pois se nós te-
mos os mesmos interesses e aspirações,
os problemas que existem entre nós não
devem ser resolvidos à porrada. A porra-
da lidamos nós com os patrões parasitas
que sempre têm vivido às nossas costas.

E contra esses bandidos, que continu-
am a encher a pança à nossa custa, que
nós devemos dirigir o nosso ódio de ex-
plorados e não contra os nossos irmãos
de classe que lutam em todas as frentes
pela construção de uma sociedade melhor,
em que só haverá lugar para aqueles que
trabalham!

MORTE AO FASCISMO!

VIVA A JUSTA LUTA DO POVO PELO O DI-
REITO A HABITAÇÃO!



MFA Esteve em Paris

As sessões de esclarecimento do MFA para os trabalhadores estão na ordem do dia, tanto em Portugal como aqui em França.

Nós achamos que o Alarme como jornal popular, deve tomar uma posição clara sobre esta questão. Foi com esse fim que fomos assistir a duas dessas sessões, realizadas no dia 20 de Junho, em Puteaux e no dia seguinte em Clichy.

Aí foram postas algumas perguntas que dizem respeito a todos nós trabalhadores, como por exemplo:

- É com o trabalho voluntário ao domingo que se resolve o problema de mais de 200.000 desempregados?

- A quem serve a batalha da produção quando as fábricas continuam nas mãos dos capitalistas e a terra não é de quem a trabalha?

- Porque é que grandes capitalistas fascistas, pides e bufos, são presos hoje e soltos amanhã?

A nenhuma destas perguntas foi dada uma resposta concreta,

Ora nos perguntamos se as sessões de esclarecimento são organizadas, de facto, para esclarecer os trabalhadores ou se é para lhes atirar poeira para os olhos. Se o M.F.A. se diz defensor dos interesses dos trabalhadores, nesse caso a posição justa seria fazer com que esses trabalhadores avançassem na tomada de consciência do que é a exploração capitalista, apontando formas de acabar com ela.

Nos sempre dissemos que estamos com o M.F.A., quando este se põe ao lado dos trabalhadores em luta, mas não o apoiamos nem nunca o faremos quando ele reprime as justas lutas desses mesmos trabalhadores.

Quando o M.F.A. apregoa a aliança Povo-M.F.A., nós respondemos: "Isso não é nada". Isso não passam de tentativas para adormecer a classe operária e o povo trabalhador, pois dentro do Exército há luta de classes. Ao mesmo tempo que há oficiais progressistas também há oficiais fascistas (e muitos destes ainda de têm postos importantes). Continua a existir a disciplina fascista em muitos quartéis. Os soldados continuam a ser miseravelmente explorados.

A aliança que nós defendemos é a aliança dos explorados, ou seja, a aliança dos operários, camponeses e soldados. Esta é a única aliança que poderá levar a té ao fim a luta do povo contra o fascismo, o capitalismo e o imperialismo.

Nós achamos que os fascistas só voltarão a atacar se os deixarmos andar à solta e isso é o que faz o M.F.A.. Cada vez mais este terá que se definir, pois com o avanço da luta do povo pela Revolução Popular, o M.F.A. será obrigado a escolher entre: juntar-se à burguesia ou colocar-se ao lado do Povo. Aí deixará de existir dúvidas.

ABAIXO A ALIANÇA POVO-MFA!
VIVA A ALIANÇA DOS OPERÁRIOS,
CAMPONESES E SOLDADOS!



COVILHÃ

De uma camarada da Covilhã recebemos estes versos, feitos pelos camaradas do COMITE OPERARIO 1º DE MAIO, como "homenagem" à Direcção traidora do Sindicato dos Lanifícios.

UM FADINHO À DIRECCAO

Camaradas vimos hoje
falar-vos do Sindicato
E da direcção reformista
que nós traiu no contrato

.....

40 horas sim, 41 não !
Disseram 10 000 operarios
Durante a manifestação.
E foi o Sr. Andrade
Como membro da direcção,
Foi o sr. Correia Lopes
A apoiar a decisão.

Em palavras e papéis
Disseram e tornaram a dizer :
"40 horas e nem mais
e isto é que vai vencer"

E depois na nossa cara
Chamaram-nos de aldrabões,
Que era tudo mentira;
que não falaram em horas,
Que nós é que ouvimos mal
E eles que eram sabichões
viam que noutras democracias
45 é que era
O horário Nacional

.....

E até já sabem cantar
Como a radio e a Televisão
"É muito preciso ganhar
a batalha da produção"

E o que é esta batalha ?
E o patrão a ganhar,
a gozar o nosso pão
E a gente a trabalhar
Para ele fazer exportação
E concorrer com o estrangeiro
Continuar com a boa vida
Continuar a exploração.

E o operario a suar
Sair do trabalho moído
Enquanto 200 000
Estão na rua despedidos

E os camponeses pobres
Sempre de enxada na mão
E o soldado a abrir estradas
Por uma misera refeição.

E o saneado a ganhar
40 contos por mês
são os fascistas na grelha
A espera que o Governo
os ponha na rua outra vez

Camaradas : Atenção !
Esta batalha não é nossa
É batalha de burgueses.
A nossa é a Revolução
Que há-de fazer justiça
A todos esse bandidos
E acabar com a exploração

.....

E assim oh camaradas,
P'ra defender o operário
O sindicato tem que ser
Lutador e consciente
Vermelho e revolucionário

Costa Gomes em França

No dia 7 de Junho houve no Hotel Hilton, em Paris, uma conferência de imprensa feita pelo General Costa Gomes.

Aqui em França todos os jornais burgueses tanto franceses como portugueses foram convidados a assistir a essa conferência. Ora o Alarme é um jornal de trabalhadores, feito na emigração, e que sai mensalmente à cerca de 3 anos, não recebeu convite.

Fizemos tudo quanto nos foi possível para assistirmos a essa conferência, uma vez que achávamos que nela se iriam falar de problemas que dizem respeito à vida dos trabalhadores e que não podem ser resolvidos nas nossas costas, e tentaríamos dizer aos trabalhadores que leem o nosso jornal o que aí tinha sido dito, mas foi-nos negada a entrada.

Não é porque eles não conheçam o Alarme que ele não foi convidado. Mas sim porque o conhecem bem e sabem que este jornal sempre tem defendido as lutas dos trabalhadores contra a exploração capitalista. Então, o convite podia-lhes trazer problemas e embaraços e isso não lhes interessa nada.

Isto é mais uma prova de que afinal eles falam de "democracia" e "igualdade", mas é só garganta. Tivemos mais uma vez oportunidade de ver que os burgueses não se misturam com os trabalhadores!

Assim, não podemos saber ao certo o que Costa Gomes veio cá fazer, mas tivemos oportunidade de ler na imprensa burguesa francesa que Giscard d'Estaing negou voltar a abrir a emigração.

Muito nos espantou esta notícia! Fala-se com frequência na "construção de um Portugal novo" para que possamos voltar e, afinal, pensa-se em enviar mais gente para fora do país! Que raio de "socialismo" é este se o governo nos quer continuar a vender? Então como é que é: somos uma bola para eles jogarem conforme os seus interesses? Parece-nos que afinal só querem saber de nós quando precisamos de fortalecer o seu poder.

A prova parece-nos que está dada. O que eles querem é continuar a defender o capitalismo, e isso nós não podemos permitir, porque senão continuaremos sempre a ser explorados e obrigados a emigrar.

Para isso temos de lutar para acabar com os que nada fazem e vivem bem à nossa custa, e que nunca serão capazes de resolver os nossos problemas. Só um Governo Popular dirigido pela classe operária poderá construir um verdadeiro Socialismo.

Tem que ser contra os patrões
Contra o capitalismo
Tem de desmascarar a traição
E todo o oportunismo
Tem de dar informação
Correcta e sempre igual
E não agir à traição
Lutar contra o fascismo
Não colaborar com o patrão
Não nos andar a enganar
Que já acabou a exploração,
Que estamos em socialismo

.....
Por um sindicato vermelho
Que nos saiba defender e organizar
Por uma direcção recta
Que já mostrou na acção
Porque é que anda a lutar

Comite Operario 1º de Maio

O Alarme pag. 7

OS POVOS EM LUTA

CHILE :

QUEM O INIMIGO POUPA, ÀS MÃOS LHE MORRE

Já muito se escreveu a este respeito mas, o assunto é tão importante pela experiência que nos traz, que nunca é de mais sobre ele falarmos um pouco.

Para muitos de nós, o caso do Chile, marcou simplesmente a ascensão e a queda de um regime que se dizia socialista e popular. Mas as coisas nunca acontecem por acaso. O importante é sempre analisar as circunstâncias históricas e os erros cometidos pelos responsáveis, e



De metralhadora na mão, um trabalhador resiste aos fascistas

no desenrolar de todo esse processo, para que tenhamos uma posição correcta a respeito dos acontecimentos, e com os erros dos outros aprender para de novo não cair neles.

Em 1970, através das eleições, foi constituído o Governo da Unidade Popular. A partir daí, iniciou-se a "construção do socialismo à chilena". Não era através de uma total transformação de estruturas onde se eliminasse por completo o sistema capitalista, mas através de uma série de reformas que conduziram calmamente o processo de "socialização" dentro do sistema capitalista. Partia-se do princípio de que é possível chegar-se ao socialismo pela via pacífica. O caminho era ganhar as eleições, obtendo-se assim o poder político. Depois, gradualmente e com muita calma, ir-se-ia evoluindo até que os capitalistas dariam as suas fortunas em favor dos trabalhadores e, finalmente, chegava-se ao socialismo !

Acontece porém, que nunca a burguesia deu alguma coisa sem ser obrigada, e assim, o poder económico continuava nas mãos dos capitalistas e as forças armadas inteiramente ao seu serviço.

Fizeram-se nacionalizações, o que foi algo de positivo. Na realidade estas são algumas das realizações importantes no governo da Unidade Popular, pois com estas nacionalizações e a política externa exercida, propoçionou-se um certo desenvolvimento económico assim como se reforçou a independência nacional.

Os atingidos com esta política, como não podia deixar de ser, foram os grandes capitalistas chilenos e os monopólios internacionais. Entretanto era de esperar que os capitalistas que até 1970 haviam sido os senhores absolutos, donos da economia chilena, não ficassem parados à espera que os trabalhadores obrigassem o Governo da Unidade Popular a avançar até ao ponto de os expropriar de todas as suas riquezas.

Vendo que não podiam continuar a explorar tão facilmente como até aqui, os capitalistas começaram então, a organizar o contra-golpe através da unidade

das forças fascistas. Essa força não era constituída só pelos grandes industriais e proprietários de terras, mas também pela CIA, que tem por tradição defender os interesses dos monopólios americanos.

A primeira medida era sabotar a economia. Com o apoio económico americano, conseguiram "comprar" os camionistas levando-os à paragem total da circulação de mercadorias, levando à desorganização total da economia chilena. Esta medida foi apoiada pelos comerciantes, médicos e outras camadas da pequena e média burguesia.

A escalada da reacção, culminou com a primeira tentativa de golpe de Estado a 28 de Junho de 1973. Na sua tentativa de mostrar ao mundo que era possível a passagem pacífica ao socialismo, teoria inventada pelos revisionistas russos, traidores da classe operária, o Governo de Allende recusa armar o povo quando este o exige para acabar com o fascismo e o imperialismo, e preferindo que fossem as forças da Unidade Popular a conterem as manobras dos fascistas, deixando-os à vontade para se reorganizarem e voltar então ao ataque final, com êxito, passados dois meses e meio.



Era o fim do Governo da Unidade Popular e uma viragem radical na história do povo chileno. Implantava-se no Chile o sistema fascista mais atroz e sangüinário dos últimos tempos.

Como dissemos, tudo isto não acontece por acaso. Hoje em Portugal, como em 1970 no Chile, também se fala em "socialismo", também se "constrói o socialismo". Não é um "socialismo" qualquer é um "socialismo à portuguesa". A reacção está à vontade. Cria até partidos como a CDS e o PDC que vão às eleições e se dizem democráticos ! Os pides estão à solta, os capitalistas fecham fábricas, provocam o desemprego, geram a confusão económica. Também se fazem nacionalizações e se apregoa a independência nacional. Entretanto Portugal continua na NATO e as bases militares estrangeiras continuam a existir no nosso país. No plano político tenta-se criar um sistema de alianças, procura-se resolver os problemas dos trabalhadores nos sindicatos, através de acordos com o patrão. Cria-se uma lei anti-greve que em vez de beneficiar os trabalhadores dá margem a que os patrões se organizem e possam criar divisões nos operários. O importante, como dizem os dirigentes dos partidos que se dizem defensores da classe operária,

é produzir cada vez mais, para "reconstruir o país", ou seja, encher os bolsos aos patrões.

Mostram-se as nacionalizações como prova do processo de socialização. Acontece, porém que no verdadeiro socialismo tudo está ao serviço dos trabalhadores, sob a direcção da classe operária. Ora, se se está a construir o socialismo, se o Estado nacionaliza, são as classes trabalhadoras que beneficiam e veríamos os preços da alimentação baixarem, melhorarem-se os transportes, etc. Acontece que, pelo que até hoje se viu, o estado não está de forma nenhuma nas mãos dos trabalhadores mas nas mãos da burguesia. Portanto as nacionalizações só podem beneficiar a classe que as fez, ou seja a burguesia.

No Chile, o socialismo só era diferente do de Portugal porque era um socialismo "à chilena". Na prática, a actualização do governo de Allende não era muito diferente do que apregoam certos partidos que dizem defender o socialismo em Portugal, como os do Cunhal e do Soares. Em consequência disto assistimos às sucessivas tentativas de golpes, como o 28 de Setembro e o 11 de Março. A lição que poderemos tirar da triste experiência do povo chileno é que, se as classes trabalhadoras não tomarem consciência da necessidade de se organizarem e de lutarem pela sua libertação e deixarem que os "gloriosos" oficiais do MFA resolvam tudo, como dizem os traidores do Cunhal e Soares, pode acontecer o mesmo que se viu no Chile. Arriscamos a que os "democratas" quando se virem ameaçados no seu poleiro, virem fascistas e muitos oficiais que parecem progressistas virem reacconários !

Se deixarmos que isso aconteça, as consequências serão : a repressão, a perseguição, o fuzilamento e os assassinatos em massa dos melhores filhos do povo. E da traição daqueles que se dizem estar ao lado do povo e do receio dos trabalhadores à violência se necessário for, provoca-se a miséria e o sofrimento do povo.

Os fascistas do general Pinochet já assassinaram mais de 30 000 pessoas, na sua maioria operários. No entanto, isto não impede que a classe operária chilena, à frente do povo trabalhador, avance na sua organização a fim de esmagar de uma vez para sempre a besta fascista.

VIVA A JUSTA LUTA DO POVO CHILENO !
MORTE AO FASCISMO E A QUEM O APOIAR !



Repressão fascista sobre os trabalhadores

Dir. J.P. Sartre Imprimeurs Libres
Nº d'insc. com. paritaire 53381

CONTRA O IMPERIALISMO